



A dama sai de cena

Um dos maiores nomes da dramaturgia brasileira, a **grande Laura Cardoso morreu nesta terça-feira (18), aos 98 anos.** A informação foi confirmada pelas redes sociais da atriz, onde ela mantinha contato frequente com os fãs. Páginas 2 e 3



Eduardo Knapp/Folhapress



Laura Cardoso durante entrevista em seu apartamento, em São Paulo

Morre Laura Cardoso, dama da dramaturgia, aos 98

Chega ao fim uma trajetória de mais de 80 anos dedicados ao ofício de atuar com papéis marcantes no teatro, cinema e televisão

**CARLOS KAUFFMANN
E ANDRÉ MARCONDES**
Folhapress

Morreu de causas naturais, aos 98 anos, a atriz Laura Cardoso, uma das grandes damas da dramaturgia brasileira. A informação foi confirmada na madrugada desta terça-feira (18), pelas redes sociais da artista, onde ela mantinha contato com os fãs.

“Nossa grande estrela se despediu de nós”, escreveu Fernando Faria, bisneto da atriz, que administra a página no Instagram. “Laura Cardoso estará para sempre em nossos corações. Obrigada por tudo, nossa amada e eterna Laura Cardoso.”

Assim, chega ao fim uma trajetória monumental de mais de oito décadas dedicadas à dramaturgia, numa carreira que começou na rádio e no teatro e que, eventualmente, foi uma das responsáveis por fundar e estruturar os alicerces da televisão brasileira.

Filha de ex-camponeses da região portuguesa de Trás-os-Montes, Laurinda de Jesus Cardoso nasceu na capital paulista em 13 de setembro de 1927 e morou, durante a infância, num cortiço no Bixiga, na região central de São Paulo.

O prazer de ler para seus pais e, mais tarde, o orgulho de ser requisitada para recitar para as colegas de ginásio, no colégio de freiras, despertaram seu interesse para as artes cênicas logo cedo.

Iniciou a carreira na Rádio Cosmos aos 16 anos, atuando em programas de auditório, humorísticos e radionovelas. Em 1946, estava na Rádio Tupi quando conheceu o ator, diretor e roteirista Fernando Balleroni, com quem Laura se casaria e que seria seu marido até a sua



Dorotéia em 'Gabriela' (2012)



Dona Guiomar em 'A Viagem' (1994)



Folhapress

Laura Cardoso, em cena da novela 'O Profundo Mar Azul', na TV Vanguarda em 1963



Divulgação

Dolor na peça 'Vereda da Salvação', interpretação que lhe rendeu o Prêmio Shell

morte, em 1980, aos 57 anos.

Logo os dois foram para a Rádio Bandeirantes, tempo em que também, com seu grupo de radioteatro, faziam pequenas esquetes em circos da periferia, às vezes sem remuneração. Em 1948, destacou-se como a menina Laurinha de "Ciranda, Cirandinha", na Rádio Cultura. De volta à Tupi, fez radionovelas com direção de Otávio Gabus Mendes.

A era de ouro das radionovelas serviu como sua grande escola formativa. A necessidade de traduzir intenções psicológicas, conflitos e nuances dramáticas exclusivamente por meio da impostação vocal, do ritmo e da respiração moldou o domínio técnico que se tornaria sua principal assinatura e ainda a preparou para dialogar com a sensibilidade do público popular.

Com a inauguração da televisão brasileira na década de 1950, Laura ingressou no elenco pioneiro da TV Tupi, tornando-se figura central dos célebres teleteatros ao vivo. Em 1952, fez sua estreia com "Tribunal do Coração", e ali ficou, como parte do elenco fixo de teleteatro, por 15 anos.

Em "TV de Vanguarda", "TV de Comédia" e "Grande Teatro Tupi", estreou adaptações de clássicos da literatura, sob a direção de medalhões como Cassiano Gabus Mendes, Vida Alves, Wanda Kosmo e Walter George Durst, entre outros.

Em 1966 e 1967, em temporada carioca, encenou na TV Rio e Excelsior. Novamente em São Paulo, atuou na Bandeirantes e Tupi até fazer uma sequência de novelas na Record, incluindo "As Pupilas do Senhor Reitor". Na fase final da Tupi, Laura trabalhou em "Os Inocentes" e "Ídolo de Pano", entre outras.

O ritmo implacável da era pré-videotape exigia memorização veloz e prontidão cênica absoluta, atributos que consolidaram sua re-



Divulgação

'Dona Rosinha' (2025), seu último trabalho no cinema, um curta-metragem



Divulgação

Selma no longa 'Através da Janela' (2000), papel premiado no Cine PE e na APCA



Divulgação TV Globo

Isaura, de 'Mulheres de Areia' (1993)



Divulgação TV Globo

Dona Sinhá em 'Sol Nascente' (2016)

putação de profissional infalível.

Essa solidez garantiu uma transição fluida para o modelo industrial das telenovelas a partir dos anos 1960 e, mais tarde, para as grandes produções da Globo, onde estreou em "Brilhante", escrita por de Gilberto Braga em 1981, e construiu uma galeria inesquecível de tipos

populares e complexos.

Ao longo de mais de cem trabalhos na televisão, deu vida a criações emblemáticas do imaginário nacional, como a sofrida Isaura de "Mulheres de Areia" (1993), a instável Dona Guiomar de "A Viagem" (1994), a hipócrita beata Dorotéia de "Gabriela" (2012) e a maquiavé-

lica Dona Sinhá de "Sol Nascente" (2016), papel em que subverteu estereótipos da terceira idade ao encarnar uma vilã calculista sob a máscara de uma senhora indefesa.

No currículo televisivo estão ainda o remake de "Irmãos Coragem" e os folhetins "Explode Coração", a primeira novela gravada no

complexo cenográfico conhecido, então, como Projac, e "Caminho das Índias". Reviveu os tempos de rádio ao narrar "Hoje É Dia de Maria", minissérie de 2005 dirigida por Luiz Fernando Carvalho.

Apesar da imensa popularidade conquistada no audiovisual, o teatro permaneceu como a espinha dorsal de sua identidade artística. Sua estreia nos tabladros aconteceu em 1959, em "Plantão 21", dirigida por Antunes Filho. Três décadas depois, a parceria atingiu o ápice na encenação de "Vereda da Salvação", de Jorge Andrade, cuja interpretação visceral da sertaneja Dolor lhe rendeu o prêmio Shell de melhor atriz.

O mesmo troféu já havia sido conquistado em 1990, com "Vem Buscar-me que Ainda Sou Teu", de Carlos Alberto Soffredini, sob a direção de Gabriel Vilella.

No cinema, construiu uma filmografia consistente com mais de 30 produções, transitando do cinema popular às obras autorais. Entre seus desempenhos mais celebrados estão a participação em "Terra Estrangeira", que Walter Salles e Daniela Thomas dirigiram em 1995, e o papel de Selma no drama psicológico "Através da Janela", de 2000, de Tatá Amaral.

O longa lhe valeu prêmios de melhor atriz no Cine PE, informalmente conhecido como Cine Pernambuco, e no APCA, prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Vencedora de três estatuetas do prêmio Grande Otelo do Cinema Brasileiro e condecorada com a Ordem do Mérito Cultural em 2006, foi laureada, há três anos, com o Troféu Oscarito no Festival de Gramado, pelo conjunto de sua obra.

Durante as mais de oito décadas de vida artística, a atriz sempre buscou a fidelidade ao texto dramático. "Primordial é respeitar o que o autor quer, não se pode desprezar o texto que foi escrito", afirmou numa das várias entrevistas dadas ao longo da carreira.

Dizia que quando o personagem se define para o ator é preciso seguir firme no rumo, "para levar a pancada ou o beijo". "Mas sem a bênção dos deuses do teatro é melhor cair fora, porque não dá em nada."

Conhecida pela discrição e pela aversão à vaidade, defendia que a função primordial do ator era servir ao texto e ao personagem com humildade operária. A recusa sistemática em cogitar a aposentadoria traduzia sua entrega incondicional ao ofício até o fim da vida.

Sua última novela foi "A Dona do Pedaço", de 2019. A atriz foi uma das homenageadas no programa Tributo, da Globo, há dois anos. No cinema, lançou em 2025 o curta-metragem "Dona Rosinha", dirigido por KK Araújo, sobre uma idosa abandonada pela filha em um ponto de ônibus.

Laura Cardoso teve três filhos com Fernando Balleroni, Fátima, José e Fernanda.

Um futuro cristalino para Selton Mello... também lá fora



Homenagem em Gramado com troféu honorário a ser entregue nesta quarta celebra a fase e internacionalização do astro e diretor, que mobiliza o streaming com 'Sessão de Terapia'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Recém-saído do set de “Zero K”, uma adaptação da prosa de Don DeLillo dirigida por Michael Almereyda, por onde passaram Caleb Landry Jones, Inga Ibsdotter Lilleaas e Peter Sarsgaard, o mineiro Selton Mello parece ter caído de vez na mira de cineastas do exterior. Fez “Anaconda” com Jack Black e Paul Rudd em dezembro e passou pelas telas de Cannes, em maio, com “La Perra”, da chilena Dominga Sotomayor, que nesta sexta será projetada no Palácio dos Festivais de Gramado, como atração de encerramento da maratona cinéfila gaúcha.

Antes, na noite desta quarta-feira, ele tem outro compromisso com o evento gaúcho: receber o Kikito de Cristal pelo conjunto de uma obra que começa a se internacionalizar depois do fenômeno com carimbo da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood “Ainda Estou Aqui”, ganhador do Oscar no carnaval de 2015.

O êxito comercial de Walter Salles correu mundo e levou Selton consigo, num momento em que ele almeja filmar de novo, ao dirigir uma versão para a telona de “O Alie-

nista”, de Machado de Assis.

“Passei toda a minha adolescência, dos 12 aos 20 anos, morando praticamente nos estúdios da Herbert Richers, dublando filmes de Hollywood, dublando Tom Hanks, dublando Robert Downey Jr., dublando Sean Penn, dublando Griffin Dunne. Dublei todos aqueles atores pensando assim: ‘É isso. Eu nunca vou furar essa tela e estar lá do

outro lado’. Mas, como a vida é bonita, o mundo girou, e agora estou eu lá fora”, disse Selton ao Correio da Manhã ao aparecer nas pré-estreias mundiais de “Anaconda”.

O troféu que Gramado lhe oferece será dado ainda à atriz Maria Fernanda Cândido, também muito requisitada para filmar em outras línguas. Ela atuou em inglês em “Meu Amigo Hindu” (2015), no

qual Selton tem um papel nas raíais do mistério. Ela também passou pela série “Sessão de Terapia”, que ele comanda na atualidade, com episódios inéditos no Globoplay.

O Kikito de Cristal celebra carreiras que transcendem as fronteiras deste país e do continente. Essa honraria passou a ser entregue em 2007, quando foi confiada ao documentarista carioca Eduardo Couti-

nho (1933-2014), e já foi entregue a gigantes de outras pátrias. Os argentinos Cecilia Roth e Juan José Campanella, a germânica Mariëtte Rissenbeck, o uruguaio Cesar Troncoso e o moçambicano Ruy Guerra receberam esse solzinho cristalizado, além do titã baiano Othon Bastos, coroado com esse mimo em 2013. O divo de Petrópolis Rodrigo Santoro foi agraciado por Gramado, com esse mesmo tributo, em 2025.

No caso de Selton, sua escolha foi determinada não apenas por suas atuações inesquecíveis, sobretudo a de “Lavoura Arcaica” (que completa 25 anos e está na plataforma MUBI), mas também por seu histórico na direção. A gênese do percurso dele na realização vem de um curta-metragem, “Quando o Tempo Cair”. Há muito esquecido, o filme acaba de ser resgatado pelo já citado www.mubi.com. Lançado no Festival do Rio de 2006, a produção fez de Jorge Loredó (1925-2015), o eterno Zé Bonitinho, seu protagonista, num trabalho comovente.

Em cartaz na MUBI, “Quando o Tempo Cair” foi escrito por Selton e Marcelo Vidicato (parceiro dele no programa “Tarja Preta”, do Canal Brasil) e foi fotografado (com requinte) por Juarez Pavelak. Na época de seu lançamento, na *Première Brasil*, Loredó encerrou um hiato de 28 anos longe das telonas. Depois do premiado “Tudo Bem” (1978), o comediante ficou cerca de três décadas só fazendo humorísticos de TV. Atento à versatilidade de titãs com muitas primaveras de experiência, Selton não ofereceu comédia a Loredó e, sim, um drama rascante. Em “Quando o Tempo Cair”, ele interpreta Ivan, um representante de vendas 70+, aposentado, que vive em um pequeno apartamento com seu filho desempregado e seu neto jovem, ainda incapaz de compreender as dificuldades que eles enfrentam. Na esperança de aliviar o fardo da família, ele sai em busca de trabalho, mas logo descobre a violência do etarismo.

Gramado chega ao fim neste sábado, com a premiação dos concorrentes deste certame.



Divulgação

Selton Mello será agraciado com o Kikito de Cristal pelo conjunto de sua obra como ator e realizador

Para **José Loreto**, hoje ainda é dia de Rocky

Ator dispara como favorito por sua atuação arrebatadora na biopic do roqueiro Chorão

As apostas para os prêmios que o júri gramadense anuncia no próximo 22 de agosto trazem José Loreto como favorito por seu desempenho no papel do cantor e compositor músico Alexandre Magno Abrão (1970-2013) em “Chorão – Só Os Loucos Sabem”, uma espécie de Rocky Balboa do rock’n’roll dirigido a quatro mãos por Hugo Prata e Felipe Novaes.

Seu meio de encenar os tiques

e as fúrias do vocalista do Charlie Brown Jr. não se limita à mimese. Vai a léguas de distância delas, numa tentativa de personificação do zeitgeist da década de 1990, em que roqueiros nacionais não dispunham mais do lirismo nem das ideologias partidas dos anos 1980. A falência moral trazida pelo impeachment de Fernando Collor de Mello veio afundar os projetos revolucionários que ago-



Cleiton Thiele/Ag.Pressphoto

José Loreto após a consagrada exibição de ‘Chorão: Só os Loucos Sabem’, de Hugo Prata e Felipe Novaes

nizaram após as Diretas Já.

É um biopic (épico biográfico) dos mais contagiantes, na sua forma de lidar com as canções de sucesso do protagonista, mas se ocupa mais (e melhor) do tempo que o gerou, em suas neuroses. Os figurinos de Carolina Agesta são impecáveis e vestem um Chorão preservante como Garanhão da Filadélfia em sua luta contra a pobreza. (R. F.)

ENTREVISTA | NARUNA COSTA

ATRIZ



‘Uma mulher negra nunca está sozinha neste Brasil racista, pois somos muitas’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Explícito aos olhos da sociedade, o caso de amor do cinema brasileiro com Naruna Costa, que se deixa regar pelo talento no gerúndio da atriz, pode ser selado de vez se ela concretizar o favoritismo ao Kikito que hoje cerca seu nome no 54º Festival de Gramado. Sua atuação em “Pele de Rinoceronte” calou muitas bocas e estatelou olhares. Ali, sob a direção de um quase estreante, Marcello Ludwig Maia (produtor com 30 anos de experiência e de sucesso, que era virgem na realização até o último domingo, quando o filme estreou), Naruna encontra na palavra uma espécie de arma. Faz dela um instrumento contundente para debelar o machismo e a bestialidade do feminicídio.

Interpreta uma advogada que, em 1976, assume a tarefa de ser a voz de acusação contra um rico que assassinou a tiros a namorada (ou seja, Doca Street e Ângela Diniz, cujos nomes não são mencionados). Sua angústia, diante do preconceito que há de sofrer por ser uma mulher preta de toga, é compartilhada com o marido jurista (Irândhir Santos). Tem ainda uma jornalista na cola dessa tragédia, interpretada por Débora Falabella em estado de graça. As duas podem até ser premiadas juntas, pois as figuras delas se amalgamam na sororidade.

O diferencial é que a tal advogada conta com uma sequência na qual ensaia a exposição jurídica para condenar o assassino. Ali Naruna deu um nó no peito de Gramado.

Este ano, ela reinou soberana na Netflix à frente do John Wick subtropical chamado “Salve Geral – Irmandade”, de Pedro Morelli. Fez ainda “Dolores”, ao lado de Carla Ribas. Tem mais coisa boa vindo aí, que ela antecipa neste papo com o Correio da Manhã na Serra Gaúcha.

Como você definiria a força da palavra em “Pele de Rinoceronte”? O que significa ver uma mulher ter a palavra num contexto histórico de machismo, como o filme?

Naruna Costa - Essa é a grande vingança que o filme oferece às mulheres, no sentido não só de devolver a dor, mas de fazer brotar uma semente, de vingar alguma coisa. Numa época como a nossa, onde o tempo é tão escasso, onde a gente não tem mais a capacidade de absorver qualquer coisa com mais de três minutos, essa troca oferecida pelo filme, essa comunicação verbal, desafia a hipertrofia informacional de sentido nossa. Eu acho que o filme tem um valor imenso ao atribuir esse discurso à boca de uma mulher negra. A gente tem todo um histórico de silenciamento... nas nossas vidas, nas nossas conquistas, nos nossos ofícios... e aí o filme vem e propõe esse revide.

Qual é o lugar de escuta que você encontra na direção do Marcello Ludwig Maia?

Eu sinto o Marcelo muito poroso para questões que são delicadas para um homem branco trazer. Mas eu acho que ele tem - talvez pela sua formação, de ter sido criado num ambiente de mulheres - uma sensibilidade grande ao tema, uma capacidade de não se colocar enquanto impositor de nada. Eu acho que a figura do diretor ainda é uma figura muito caracterizada numa base de imposição, de última palavra, de quem manda, de olhar. E eu acho que o Marcelo quebra isso com uma generosidade para conseguir captar o que é interessante.

Você tem uma trajetória muito singular no audiovisual, que se mistura com sua experiência teatral. O que traz dessas mulheres diferentes que interpretou para “Pele de Rinoceronte”?

Trago reverberação. Uma mulher negra nunca está sozinha neste Brasil racista, pois somos muitas. Então, cada lugar que eu ocupo, eu estou ocupando com muitas outras mulheres comigo, simbolicamente, porque tem o lugar da representa-



Rodrigo Fonseca

“Quando uma mulher é violentada, todas nós somos violentadas. Esse medo é o medo que percorre o nosso corpo, ele está impresso nas nossas células. Ele vem de muito antes de a gente existir”

existir. Só que agora, temos a projeção para o futuro de mudar a História.

O que vem depois de “Pele de Rinoceronte”?

Eu estreio “Habeas Corpus”, que é uma série da Netflix, que também tem esse contexto judicial, que fala dessa questão da importância do poder jurídico para mudar as coisas relacionadas a preconceitos no Brasil. Faço uma série também da Globoplay chamada “Instinto”, que tem uma outra abordagem, mas também esse ambiente criminal. E tem um filme, “Delicadeza”, do Eduardo Matos, que é o meu primeiro diretor de cinema. Eu fiz o meu primeiro curta com ele. Tem ainda uma peça de teatro que eu estreio com o meu grupo, o Grupo Clariô, no Mirada, que é um festival internacional de teatro, em setembro. Acontece em Santos, promovido pelo Sesc, e a gente estreia dia 12 de setembro. A peça se chama “Casa do Norte”.

tividade que é inevitável. Quando eu faço esse movimento coletivo, de alguma maneira eu tento trazer essa singularidade do que é, por exemplo, a postura da advogada de “Pele de Rinoceronte” na qualidade

das palavras. Eu sinto que, quando uma mulher é violentada, todas nós somos violentadas. Esse medo é o medo que percorre o nosso corpo, ele está impresso nas nossas células. Ele vem de muito antes de a gente

CORREIO CULTURAL



Cartaz oficial do encontro das duas bandas no Maracanã

Faith no More e System of a Down juntas no Brasil

As bandas System of a Down e Faith No More se apresentarão juntas no Brasil em 15 de janeiro, no Maracanã. Batizado de “One Night Only”, o evento será a única apresentação dos grupos na América do Sul e não terá datas extras no continente.

O show marcará o retorno do Faith No More aos palcos após uma década. A última apresentação ao vivo do grupo liderado por Mike Patton

ocorreu em agosto de 2016, no encerramento da turnê do álbum “Sol Invictus”.

Já o System of a Down esteve no Brasil pela última vez em maio de 2025. A banda fez três apresentações em São Paulo, além de shows em Curitiba e no Rio.

O encontro entre os grupos foi anunciado em julho. As primeiras apresentações da turnê estão previstas para o início de 2027, na Austrália.

A força do teatro universitário

Celeiro de novos talentos da cena, o Festival de Teatro Universitário (Festu) volta ao Teatro Carlos Gomes, em sua 16ª edição, com 16 esquetes concorrentes que serão apresentados entre sexta e sábado (21 e 22) com a final da competição no domingo. A edição deste ano traz estudantes de diferentes instituições de ensino de todo o país, entre as quais a UnB, Uni-Rio, Casa de Artes de Laranjeiras, Escola Martins Penna, Tablado e o coletivo TransParente.

Papo literário

A escritora mineira Cidinha da Silva estará no Rio nesta sexta (21) para uma conversa com a cientista Nina da Hora na Janela Livraria de Laranjeiras (General Glicério, 324), a partir das 19h, sobre o livro “Quando borboletas furiosas se tornam mulheres negras” (Relicário Edições).

IMAX à brasileira

Primeiro filme brasileiro lançado em IMAX, “2DIE4: 24 Horas no Limite” estará disponível para aluguel e compra na Apple TV em 4K, HDR e Dolby Atmos a partir desta quinta (20). O filme acompanha o piloto brasileiro Felipe Nasr durante a lendária 24 Horas de Le Mans.

Retiro dos Artistas leiloa itens de Jô Soares

Quatro anos após a morte de Jô Soares, itens que pertenceram ao humorista e apresentador poderão ganhar novos donos. O Retiro dos Artistas promove a partir desta quarta-feira (19) um bazar beneficente com roupas, chapéus, cintos, quadros e outros objetos que fizeram parte do acervo pessoal do artista.



Divulgação

O corpo ausente que ocupa o palco

Em cartaz no Sesc Copacabana, ‘Sem Corpo Não Há Aqui’ transforma o luto compartilhado por madrastra e enteada em dança-teatro

O vestido que Joana Lerner veste em cena não foi feito para ela. Criado por Marcelo De Gang para o solo “Dagmar e Su Espelho”, da bailarina Giselda Fernandes, pertencia a outro corpo, outro gesto. E agora é usado por pela enteada da bailarina, num espetáculo em que as duas se apresentam juntas pela primeira vez, já diz boa parte do que se passa em “Sem corpo não há aqui”: coisas que eram de alguém se deslocam, ganham outra respiração — e é nesse trânsito que a memória se faz presente.

Em cartaz na Sala Multiuso do Sesc Copacabana até o dia 26, o espetáculo de dança-teatro com direção e dramaturgia de Isabel Cavalcanti é construído sobre um deslocamento mais fundo do que o de um vestido emprestado. Giselda Fernandes e Joana Lerner são madrastra e enteada na vida real. Há dois anos, perderam o marido e pai, o artista plástico Hilton Berredo — parceiro de vida e de arte de Giselda desde 1986, diretor artístico da Os Dois Companhia de Dança, cia fundada por ela em 1992 e hoje uma das mais longevas da cena carioca.

Berredo morreu no início de 2024, deixando um vazio afetivo e criativo: era ele quem assinava a cenografia, os vídeos, a concepção visual dos espetáculos.

A tarefa de transformar esse luto compartilhado em ficção caiu sobre Isabel Cavalcanti. Indicada aos prêmios Shell, Cegranrio e Arte Qualidade Brasil, autora de um livro sobre Samuel Beckett — quem sabe o maior dramaturgo da ausência —, ela tinha diante de si um desafio que transcende a encenação.



Guto Muniz/Divulgação

Giselda Fernandes e Joana Lerner em ‘Sem Corpo Não Há Aqui’

“Como realidade e ficção se misturavam o tempo todo nesse processo, precisei criar um espaço em que elas se sentissem seguras para expor as dores, alegrias, memórias, os conflitos, encontros e desencontros existentes entre elas”

ISABEL CAVALCANTI

“Como realidade e ficção se misturavam o tempo todo nesse processo, precisei criar um espaço em que elas se sentissem seguras para expor as dores, alegrias, memórias, os conflitos, encontros e desencontros existentes entre elas e, simultaneamente, transformar isso tudo em ficção, em dança-teatro”, diz Isabel.

A articulação entre fala e movimento não veio de imediato. A diretora propôs que cada intérprete criasse partituras corporais a partir da história do próprio corpo. Foi da observação dessas partituras que nasceu a necessidade de também dizer com palavras. “Fui entendendo aos poucos o fluxo entre movimento e fala. E a dramaturgia foi se costurando. Tudo é dança, afinal: a palavra e o

gesto”, explica. A frase tem ironia delicada: meses de noites insones para chegar a uma dramaturgia em que as palavras se dissolvem no gesto — operação que Beckett perseguia em suas peças, onde a linguagem se esgota e o corpo diz o que a palavra não consegue.

SERVIÇO

SEM CORPO NÃO HÁ AQUI

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 26/8, quintas e sextas (19h) | sábados e domingos (17h)

Ingressos: R\$ 40, R\$ 36 (convênios), R\$ 28 (sócio Sesc), R\$ 31 (convênio empresário), R\$ 20 (meia) e grátis (PCC)



Nani Gois

Paulo Leminski (1944-1989) é dono de obra múltipla de poemas, ensaios, traduções, letras musicais e até melodias



Divulgação

As melodias do Cancioninski

Estrela Leminski amplia a pesquisa com “Completamente Poeta – Leminskanções 2”, disco de feição artesanal que reúne melodias inéditas de seu pai Paulo Leminski, o Bardo de Curitiba

AFFONSO NUNES

O curitibano Paulo Leminski Filho (1944–1989) entrou para a história da cultura brasileira como um de seus poetas mais fulgurantes e como letrista de canções que passaram pelas vozes de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Moraes Moreira, Ney Matogrosso, Zélia Duncan, Arnaldo Antunes e Ângela Maria. O que pouca gente sabia até 2014 era que o poeta também compunha melodias — e que deixou um acervo de aproximadamente 80 canções, muitas escritas em parceria, algumas nunca gravadas.

Foi justamente esse universo que sua filha, Estrela Ruiz Leminski, escavou no álbum duplo “Leminskanções”, lançado há doze anos, quando o Brasil celebrava os 70 anos do poeta. Agora, ela dá um novo capítulo à pesquisa com “Completamente Poeta – Leminskanções 2”, que chega às plataformas digitais e em CD neste sábado (22). No dia seguinte, às 18h, o projeto sobe ao palco do



Carol Bassani/Divulgação

Estrela Ruiz Leminski resgata o lado melodista do pai no segundo volume de ‘Completamente Poeta’

Teatro Paulo Autran, no Sesc Pinheiros, com participação especial de Guilherme Arantes.

O título do álbum guarda uma ironia que é toda do próprio Leminski. “Completamente Poeta” é também o nome de uma de suas canções e sintetiza o espírito do projeto: mostrar que, para além da

literatura, a produção musical sempre ocupou um lugar central em sua criação. Como registram biografias como “O Bandido que Sabia Latim”, de Toninho Vaz, Leminski aprendeu violão cedo, chegou a formar o trio Duas Pauladas e Uma Pedrada com o irmão Pedro e o amigo Paul Bahr, e em 1972 criou um

projeto chamado “Em Prol de um Português Elétrico”. Embora fosse, segundo biógrafos, desafinado e não dominasse o instrumento com propriedade, compunha com instinto e inventividade — daí o apelido carinhoso “Cancioninski” que estudiosos atribuem a essa faceta.

“O que permeia esse trabalho é a intimidade. Cresci ouvindo essas canções dentro de casa. Todo mundo conhece o universo racional do meu pai, a poesia, os textos, mas a música revelava seu lado mais afetivo, mais emocional. Este é um disco profundamente amoroso. É um gesto de amor à vida, ao meu pai, à nossa história como família, a mim como filha e também à Alice”, afirma Estrela, referindo-se à mãe, a poeta Alice Ruiz, com quem Leminski construiu uma das parcerias mais férteis da literatura brasileira.

As onze faixas do disco refletem tanto a densidade quanto a diversidade dessa obra. Nove são composições de Leminski; uma delas apresenta um poema de Vladimir Maiakóvski traduzido por Haroldo de Campos e musicado pelo poeta — diálogo que não surpreende,

dado o trânsito de Leminski entre a tradição russa, a poética concretista e a contracultura brasileira.

Outra faixa revisita “Xixi nas Estrelas”, clássico infantil nascido da parceria com Guilherme Arantes em 1984, quando o compositor foi convidado para a trilha de “Pirlimpimpim 2”. A canção, que usa humor e linguagem infantil para falar de respeito pelo universo, tornou-se uma das marcas da dupla.

A produção musical é assinada por Gustavo Ruiz, vencedor de prêmios Grammy e filho do jornalista e músico Luiz Chagas — um dos primeiros a reconhecer e admirar a produção musical de Leminski em vida. Ao lado da direção musical de Téo Ruiz, Gustavo construiu arranjos que aproximam as composições de uma estética pop contemporânea, sem trair a força literária e melódica das canções. A base instrumental reúne ainda Danilo Pentead e Gabriel Basile, integrante da banda O Terno. O elenco de convidados evidencia a amplitude estética da obra leminskiana: Manoel Cordeiro, Maurício Badé, Léo Fressato, Janine Mathias, Maurício Pereira, Vítor Ramil, Guilherme Arantes, Tulipa Ruiz e Ná Ozzetti.

Mas “Completamente Poeta” propõe também uma reflexão sobre os modos de produzir arte. Em um momento em que processos criativos são cada vez mais mediados pela inteligência artificial e pela produção digital, Estrela decidiu seguir o caminho oposto. Todo o conceito visual do álbum foi desenvolvido artesanalmente, com papel, colagens, fotografias em filme, selos, texturas e impressão em risografia. A escolha dialoga diretamente com o universo vivido por Leminski, que escreveu em máquina de escrever, produziu manuscritos em papel e viveu antes da presença cotidiana dos computadores. A capa, assinada por Luísa Barros, utiliza colagens feitas manualmente, enquanto o encarte resgata uma estética inspirada nas décadas de 1970 e 1980, recriando visualmente o ambiente artístico em que o poeta viveu e produziu.

Doze anos após o primeiro “Leminskanções” — que resultou também em um songbook com mais de cem canções do poeta —, Estrela reafirma que o legado de Leminski extrapola os livros de poesia. Há ali um cancionário que resiste, que dialoga com o presente e que continua sendo descoberto, como se o poeta, três décadas e meia após sua morte, ainda tivesse canções para oferecer.

O chef improvável

Cinebiografia retrata como o chef Anthony Bourdain se apaixonou pela gastronomia

MAYARA PAIXÃO

Folhapress

Anthony Bourdain, o chef e apresentador americano mitificado por fãs, teve uma vida relativamente bem documentada. Mas os capítulos mais públicos de sua trajetória de 61 anos, até sua morte, em 2018, não incluíam os primeiros passos do período inicial de sua jornada.

“Tony”, uma cinebiografia dirigida pelo canadense Matt Johnson, chega aos cinemas para reconstruir esse trecho diante de uma dúvida expectativa dos fãs: os que temem o resultado e os que preveem o sucesso. As críticas têm sido positivas em sua maioria. Ainda não há, porém, data para estreia no Brasil.

O filme aborda um pequeno, mas precioso, trecho da vida de Bourdain. Em meados da década de 1970, durante as férias de verão, ele saiu de Nova Jersey e foi para a vila costeira de Provincetown (ou P-town), em Massachusetts, um tempo que lhe mostrou que seu lugar era a cozinha e o levou a ingressar posteriormente no Culinary Institute of America, uma das mais prestigiadas escolas de gastronomia do país.

Interpretado por Dominic Sessa (conhecido por “Os Rejeitados”), Bourdain (Tony, vamos chamá-lo assim) é então um jovem desiludido e apaixonado. Com a benevolência de um chef de cozinha interpretado por Antonio Banderas, ganha uma vaga para lavar pratos em um restaurante em troca de abrigo - uma rede na varanda da casa do chef.

Chef, aliás, é o único nome que se sabe do personagem de Banderas, um dos mais importantes da produção. E essa despersonalização daquele que, no filme, tornaria-se o mentor de Tony ganha sentido quando se analisa de onde nasceu o roteiro para a cinebiografia.

Os roteiristas Todd Bartels, Lou Howe, Matt Miller e o diretor Matt Johnson se basearam no best-seller de Bourdain, “Kitchen



Divulgação



Divulgação

Antonio Banderas é Chef, personagem que reúne perfis dos diferentes cozinheiros que moldaram a trajetória do jovem Bourdain vivido na tela por Dominic Sessa

Confidencial”, de 2001 (“Cozinha Confidencial”, publicado no Brasil em 2016 pela Companhia de Mesa). Mais especificamente na primeira das cinco partes da narrativa, quando Tony descreve brevemente uma viagem à França com a família na infância e, depois, a ida a Provincetown.

É então que se entende que o Chef interpretado por Banderas, essa espécie de baliza moral que ensina um jovem, beligerante e arrogante Tony por meio do exemplo, não existiu como uma só pessoa, mas é a junção de várias menções feitas pelo cozinheiro no livro. “Tony”, assim, é uma cinebiografia que se criou em cima das descrições do biógrafo

do, mas não as reproduziu ao pé da letra. Também por isso é tão interessante.

O Chef é uma junção de pelo menos três personagens que esbarraram com Tony durante sua passagem pela vila costeira de mariscos que, naquela época, ainda tinha enorme presença da comunidade portuguesa, fruto de comerciantes ali presentes desde 1860.

Nele estão o Monsier Saint-Jour, um pescador de ostras de quem Tony herda a paixão pelos mariscos; Bobby, chef do restaurante onde ele de fato trabalha lavando pratos; e Howard Mitcham, o único que de fato era um chef conhecido, autor de livros e

amante dos frutos do mar. Mitcham é autor de “Provincetown Seafood Cookbook”, originalmente publicado em 1975 e reeditado outras vezes, uma delas com prefácio de Bourdain.

Os próprios roteiristas explicam que buscaram representar uma transição importante de Tony - da adolescência para a vida adulta - e os meandros implicados nisso. Para tanto, parecem usar dois personagens que funcionam como alegorias: de um lado, o Chef, a representação da disciplina; do outro, um colega de trabalho divertido e desregrado, Sal (Leo Woodall), a representação da tentação.

Sal, ainda que com outro

nome, existe no livro. Tratava-se de um ex-presidiário e, nas horas vagas, traficante de drogas que trabalhava na cozinha com ele. O próprio apresentador diz que esse foi o protagonista de um episódio que o fez “enxergar claramente o que queria”.

Em dado momento o colega desaparece enquanto faz uso contínuo de metanfetamina, e resta a Tony assumir suas funções no restaurante em que trabalham. Aquilo lhe deu algo que conhecia pouco: responsabilidade.

Durante todo o filme, o público se vê em dúvida sobre qual caminho Tony seguirá: o do Chef, que começa a lhe dar oportunidades, mas cobra trabalho duro, ou o de Sal, de quem se torna amigo.

Outros personagens importantes e reais aparecem na trama, ainda que em narrativas construídas. Um deles é Nancy (Emilia Jones), na vida real sua esposa por duas décadas, Nancy Putkoski, de quem se separou em 2005. “Cozinha Confidencial” é dedicado a ela, aliás.

No filme, Nancy é a garota de quem Tony vai atrás em P-town. Ela trabalha em uma pizzaria durante as férias de verão, e ele, desiludido por perder uma bolsa de estudos para escrever um livro, viaja para a vila para encontrá-la.

Há nas entrelinhas tantos outros elementos do livro. Naquele 2001, Bourdain escreveria que “um desafio à sua atual beligerância, o fato de ter sido negado, abriu uma porta em sua vida”.

No livro, o episódio se refere a algo pequeno, durante a infância, quando os pais excluíram ele e o irmão de um almoço chique dado o mau comportamento dos dois. No filme, a metáfora fica por conta da bolsa de estudos, com a negativa da qual Tony vai a P-town e se descobre na cozinha.

A postura arrogante de Tony arrefece aos poucos no filme, mas nunca desaparece - e nem tinha razão para isso, dado que muitas, muitas décadas depois, ainda o descreveriam assim. Em passagem do livro que é destacada no filme, ele mesmo se descreve na juventude como alguém “mimado, narcisista, autodestrutivo, que muito precisava de um bom chute na bunda”. Foi o que recebeu em P-town.

A certa altura, em mais uma demonstração do medo de ser rejeitado, Tony diz ao Chef que não quer ser como ele. Que não é um cozinheiro. Que seu lugar era como autor de livros. Veja só o que aconteceu: na vida real, tornou-se ambos.

Anthony Bourdain em cena de documentário sobre sua trajetória: o chef e escritor que percorreu o mundo provando as mais variadas culinárias agora tem sua origem como cozinheiro revelada na cinebiografia “Tony”